

TEREZINHA FERNANDES E SUAS EXPERIÊNCIAS NO RÁDIO¹

Érica da Cruz FAVACHO²

Fernando SOUSA³

Universidade Federal do Amapá

RESUMO

Este artigo tem como propósito fazer um levantamento histórico da vida pessoal e profissional da radialista Terezinha Lúcia Barros Fernandes. O trabalho será desenvolvido em três etapas. Na primeira será feita uma apresentação da história do rádio no Brasil, baseada em pesquisa bibliográfica. Na segunda etapa será apresentada a história do rádio no Estado do Amapá, também baseada em pesquisa bibliográfica. A terceira e última etapa diz respeito à entrevista feita com a própria radialista. Nesta entrevista o foco principal é o aporte histórico que se fará juntamente com a profissional, a fim de estabelecer o elo entre suas experiências pessoais e o meio jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Jornalismo; Terezinha Fernandes.

ABSTRACT

This article aims to make a historical survey of the life and work of radio Terezinha Lúcia Barros Fernandes. The work will be developed in three stages. In the first far-there will be a presentation on the history of radio in Brazil, based on literature search. In the second stage will see the history of radio in the State of Amapá, also based on literature review. The third and final stage concerns the interview with the radio itself. In this interview, the main focus is the contribution it will make history together with the professional in order to establish the link between personal experience and journalistic media.

KEYWORDS: Radio; Journalism; Terezinha Fernandes.

¹ 1 Trabalho apresentado à disciplina de Mídia Impressa, para obtenção de nota final, sob a orientação da Prof^a. Msc. Roberta Scheibe da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

² 2 Bacharel em Letras – Tradutor pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP. Acadêmica do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP.

³ 3 Licenciado em História pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Acadêmico do Curso de Jornalismo. (UNIFAP).

INTRODUÇÃO

Para se construir um enredo da História do Jornalismo é preciso percorrer os caminhos que compõem a elaboração de um conteúdo especificamente jornalístico. O jornalismo assemelha-se a construção de um fato histórico. O ser humano vê-se caracterizado por suas ações a partir do registro de seus feitos. Sem o fato, geralmente, ocasionado por uma ação humana, acaba por não haver registro. Cabe ressaltar que a informação elenca uma diversidade de assuntos que não são dependentes diretos da ação humana. Muitos fenômenos naturais são motivo para uma descrição jornalística. Os estilos que continuam se desenvolvendo permitem aos seus protagonistas um amplo campo de trabalho.

A informação está presente na vida de todos os seres humanos desde o desenvolvimento das capacidades de interação na natureza. A preocupação com as situações do cotidiano, ou não, faz parte do nascimento do jornalismo. Narrar fatos, recontar histórias, demonstrar dados, faz parte da rotina da maioria daqueles que se empenham no trabalho da informação. A elaboração de uma História do Jornalismo deve passar por caminhos que não são fixos as vertentes positivistas. A dinâmica dos eventos históricos é resultado de ações da sociedade dentro de determinados e específicos contextos.

Ao considerar o período e a sociedade, obrigatoriamente, deve-se levar em conta também as especificidades. Hoje é comum confundirem história do jornalismo com cronologia de eventos que foram importantes no desenvolvimento da técnica jornalística. A comunicação é resultado dos acordos das coletividades para a compreensão de determinadas situações (coisas). Os eventos que ocorreram em determinado tempo e espaço envolvendo a construção do jornalismo são mais complexos do que se supunha. Generalizações não podem ser consideradas como História do Jornalismo. Os fatos são complexos e devem ser medidos a partir da concepção de cada “jornalista”. Acima do fazer jornalístico está o ser humano e suas complexidades sociais e existenciais, que se diferenciam com o passar do tempo.

Quando uma análise da realidade jornalística amapaense é feita alguns paralelos que explicam o “estilo” do jornalismo do Amapá são configurados. No intuito de percorrer os caminhos do desenvolvimento do jornalismo no Amapá, é imprescindível retornar aos fatores

de ordem histórica que movimentaram a realidade da comunicação informativa nas terras tucujus.

O homem desde as suas primeiras “protagonizações” comunica as suas angústias, curiosidades, suas necessidades. Ao observar a figura do caboclo amazônico, habitante desta região, no extremo norte do Brasil, tentando comunicar-se, logo se faz necessária a tentativa da construção do possível primeiro jornalismo amapaense. As motivações que levavam esses caboclos a comunicarem os temas de interesse público, precisam ser traçadas visando à elaboração de um histórico da imprensa/jornalismo dentro de uma perspectiva que tenha a essência do Amapá.

O rádio é um dos veículos de comunicação mais utilizados pelas massas por estar mais acessível a um número maior de pessoas. Quem trabalha neste meio reconhece que o que é falado no rádio tem a possibilidade de ser transmitido de maneira instantânea aos ouvintes e que, por isso muitas pessoas o utilizam por saber de suas capacidades e recursos. No Estado do Amapá isto não é diferente. O rádio ganha um papel de grande destaque por aqui, sobretudo, pelas comunidades que moram afastadas da cidade.

O rádio chegou ao Brasil na década de 20. Desde esta época ele não saiu do cotidiano de muitos. Pôde viver seu período mais próspero, conhecido como a Era de Ouro do Rádio e mesmo com o advento da televisão que chegou ao Brasil, não deixou de existir em muitos lares, mesmo com a que em alguns momentos possa sofrer uma queda de público.

Ao abordar o rádio nesta pesquisa, pretende-se apresentar, não apenas a sua história no país e no Estado, além de sua importância entre os meios de comunicação, como também proporcionar o conhecimento das vivências de uma profissional que construiu sua carreira no rádio e que, por este motivo pode revelar experiências que, certamente, trazem crescimento para os que tiverem contato com esta pesquisa.

Terezinha Fernandes trabalha na Rádio Difusora de Macapá desde 1964. Reside em Macapá desde 1960. Já produziu programas de rádio que se tornaram famosos como “Tropical Comando Total”, “Quando fala o Coração” e “Mundo Feminino”, todos da Rádio Difusora (ZYE2). Atualmente produz e apresenta o programa “Ponte Aérea”, aos domingos, também na Rádio Difusora (agora com o prefixo ZYH 630), desde 1996 no ar.

OBJETIVO

Fazer um resgate histórico da vida de uma profissional que atue no campo da comunicação. Para isto, inicialmente, é necessário fazer uma abordagem histórica relacionada

ao veículo de comunicação em que esta atua (aqui representado pelo rádio). A profissional que contou suas experiências vivenciadas no exercício de sua profissão foi a locutora de rádio Terezinha Fernandes.

JUSTIFICATIVA

Enquanto estudantes da área de comunicação, focados no fazer jornalístico, precisamos ter base histórica dos fatos relacionados com a nossa profissão. Conhecer como o rádio chegou ao Brasil e quais fatos históricos estão relacionados com este fato, e ainda, conhecer a vivência e experiência de uma profissional que atua na área. Isto é importante para mantermos uma história viva, ou ainda, permite que a memória não se apague, pois é este resgate feito através dos relatos de quem conhece e vive em um meio que é capaz de transmitir para gerações que virão como foram os passos dados para se compor um trabalho e como isso pode ser útil para as evoluções na forma de fazer algo. As experiências servem como modelos a serem seguidos e/ou modificados.

O RÁDIO COMO PROTAGONISTA

Ao encontrar seu lugar no seio da sociedade o rádio se adequou a uma série de características. Ao contrário dos meios audiovisuais, o rádio trabalha somente com a criatividade da voz e dos efeitos sonoros. O alcance à sensibilidade do ouvinte é o ofício por excelência daqueles que se dedicam a este meio de comunicação. O trabalho no rádio requer métodos parecidos com os da arte cênica. O locutor/radialista desenvolve a capacidades de alcançar com a sua habilidade vocal a imaginação das pessoas. Não produzindo imagens, o rádio, vai permitir através da sensorialidade, que imagens mentais sejam elaboradas, facilitando assim a decodificação da mensagem radiofônica. Segundo o SEPAC- Serviço à Pastoral da Comunicação, na obra *Rádio - a arte de falar e ouvir – laboratório*,

Enquanto nos meios audiovisuais o telespectador conta com som e imagem, no rádio a única arma é a voz, a fala. Isso, fatalmente, desperta a imaginação do ouvinte, que logo cria na sua mente a visualização do dono da voz ou do que está sendo dito. Se na televisão a imagem já vem acompanhada com a voz ou mesmo sozinha, no rádio o ouvinte tem a liberdade de criar, com base no que está sendo dito, a imagem do assunto/pessoa/fato. (Equipe do SEPAC, 2005, p. 21-22).

A abrangência do conteúdo elaborado no rádio perpassa barreiras que a priori podem ser consideradas quase inquebrantáveis. Ao chegar a distâncias que rompem fronteiras

culturais, o trabalho no rádio torna-se ainda mais criterioso. O que é dito para um determinado público pode não ter o mesmo significado para outro. O cuidado na hora de falar, mantendo o “diálogo mental”, deve ser recorrente na administração do ofício. Por isso é muito importante o produtor de rádio saber quais as características do público de cada programa. O perfil do ouvinte atrelará o conteúdo a maneira de produzir a informação, ou o entretenimento.

O rádio expressa a proximidade da comunidade com um veículo de comunicação. Ao atender um determinado público deve permitir que o mesmo se sinta capaz de interagir com a proposta de conteúdo. Cabe lembrar que apesar de serem produzidos conteúdos gerais, no intuito de alcançar mais pessoas, deve haver uma preocupação também que é específica, e voltada para cada indivíduo. Sobre isso o SEPAC informa,

Ao mesmo tempo que atinge milhares de pessoas, o rádio é voltado para o indivíduo em particular. As palavras, a forma de falar são pensadas para o ouvinte com suas particularidades e expectativas. De acordo com o professor Falciano, o transistor facilitou esse caráter, já que permitiu uma audiência personalizada, individual, com a fabricação de rádios a bateria, o que barateou o custo do aparelho. O tom íntimo das transmissões representado pelas expressões ‘amigo ouvinte’, ‘caro ouvinte’, ‘querido ouvinte’ proporciona aproximação e intimidade únicas, fazendo do rádio um veículo companheiro. (2005, p.23).

Um programa de rádio, seja qual for o seu estilo, sempre será produzido para atender ao público por mais variado que seja. Sem público não existe outra função para este canal de comunicação. Em muitos recantos a popularidade do rádio ainda é freqüente. Em meio ao aparato tecnológico decorrente da Internet, o rádio sobrevive principalmente nos lugares e regiões mais isolados. Para alguns trata-se inclusive do único recurso para manter-se informado. O rádio mantém sua função social graças ao imediatismo e instantaneidade com que sua freqüência o socializa.

HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL

O rádio chegou ao Brasil na década de 20. Este meio de comunicação, desde que surgiu, ganhou espaço por ser um veículo de fácil acesso às massas e por ter o “privilégio” de trabalhar em tempo real. Por isso, viveu um período de destaque e, hoje, encontra-se em um momento de estabilidade, mesmo diante de controvérsias.

Na inauguração oficial da Radiodifusão brasileira, a 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações do Centenário da Independência, o jornalismo cumpriu seu papel. O discurso de abertura da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, feito pelo presidente da República Epitácio Pessoa, foi transmitido pelos 80 receptores especialmente importados para a ocasião [...] (ORTRIWANO, 2003, p 67).

A partir de sua chegada, o rádio começou a figurar na vida do povo brasileiro. Isto foi crescendo aos poucos e ganhando espaços, também de maneira discreta. O papel do rádio ganhava nuances de acordo com o propósito que era utilizado. Neste papel, desempenhava funções que vinham ao encontro daquilo que a sociedade esperava e, muitas vezes necessitava.

A partir dessa data, o rádio participou de todos os movimentos da vida brasileira. Ajudou a derrubar a República Velha, participou da Revolução de 32, fez extensos noticiários sobre a Segunda Guerra Mundial. Desempenhou importante papel no Golpe Militar de 64, participou ativamente da redemocratização durante a Nova República e, pouco depois, fez ecoar país afora o processo de *impeachment* de um presidente da República. Os políticos sempre souberam reconhecer sua importância nas campanhas eleitorais e, na corrida presidencial de 2002, quando o povo depositou suas esperanças em um novo perfil administrativo, não foi diferente. (ORTIRIANO, 2003, p. 68).

Desta forma, se o rádio ganhava espaço e reconhecimento, logo chegaria até ele àqueles que se interessariam em investir para obter lucro com o veículo de comunicação promissor que chegara ao país. Quando a publicidade chega ao rádio, ela também ocasiona algumas mudanças na maneira como “se fazia” rádio até então.

O desenvolvimento técnico teve um empenho por parte dos profissionais de rádio em adquirir novas tecnologias na aparelhagem e nos equipamentos. A publicidade pedia novos recursos tecnológicos para que os interesses mercantis que começavam a se concretizar naquela época fossem consolidados. O *status* se dá primeiramente pela sua popularidade em alcançar público nos mais longínquos grotões do país. Este privilégio único alcançado pelo rádio fez dele um dos maiores veículos de comunicação de massa. O *glamour* e a suntuosidade das rádios daquela época davam um viés de poder e *status*. A popularidade do rádio é grande, comparando-se a outros veículos da mídia, seja pelo seu dinamismo e instantaneidade, ou pelo baixo custo para aquisição dos aparelhos receptores. O rádio, dinâmico e interativo, iniciou rapidamente o jornalismo vivo, incentivando os sistemas de reportagens de rua e entrevistas fora dos estúdios. (BEZERRA, 2005, p. 20)

A partir de 1930 as rádios sentiram a necessidade de investir em outro gênero de programas para atrair a atenção do público que estava encantado com a nova ferramenta de comunicação. Neste momento as rádios criaram inúmeras formas para manter o público interessado e, também para atender os desejos deste público. Por isso, as emissoras começaram a investir no crescimento dos estúdios de suas rádios, com o intuito de receber os ouvintes no momento da gravação dos programas. Assim, os ouvintes tinham a oportunidade de conhecer os seus artistas de rádio preferidos.

Tendo como objetivo atrair novos ouvintes, as emissoras empenhavam-se em produzir programas populares, levando em consideração a opinião pública

para a sua avaliação. Com a promoção de concursos, distribuição de brindes e análise de correspondências recebidas avaliava-se o programa que poderia passar por uma reformulação ou até ser retirado do ar. O ouvinte tornou-se exigente devido ao crescimento do número de emissoras que lhe proporcionava mais opções (MENEGUEL, 1998, p. 9).

Outra mudança pela qual as rádios da época passaram, foi a inserção da publicidade. Ou seja, as rádios cresciam e atraíam novos mercados visto que, era uma forma de se conquistar mercado e lucro, isto fez com que o rádio e seus programas se tornassem uma forma de influenciar o modo de vida das pessoas e, de alguma maneira modificar o comportamento dos ouvintes. Eis que a publicidade começa a fazer parte do meio de radiodifusão.

Vários programas de variedades surgiram com a introdução do patrocínio de anunciantes, levando o rádio a transformar-se em fenômeno social e dando-lhe o poder de influenciar comportamentos e ditar modas, devido à sua capacidade de conquista de milhares de fiéis ouvintes. Muitos programas lançaram artistas, como Carmem Miranda, Mário Reis, Francisco Alves, Noel Rosa entre outros (MENEGUEL, 1998, p. 9).

A ABRANGÊNCIA DOS PROGRAMAS DE RÁDIO

É importante destacar as alternativas que os produtores de rádio têm para alcançar os ouvintes. Os mecanismos que sugerem o perfil dos que ouvem a programação radiofônica podem ser caracterizados à medida que se observa os canais de retorno (feedback). A análise dessas conjunturas sugere as diferenças sociais que definem o público de determinados programas. Ou seja, se fala e enaltece muito as redes sociais como precursoras da atualidade na interatividade com os meios de comunicação. Na realidade os mecanismos de interação ainda não são padrões. A boa e velha carta, assim como os recados telefônicos, ainda responde por alguma parcela dos mecanismos de interação.

No universo dos ciberespaços resiste os meios de comunicação que atravessam gerações e não perdem o seu significado. Para os mais contemporâneos tal afirmação pode parecer fruto de saudosismo, ou aversão ao meio tecnológico em evidência. Mas quando se destaca a realidade dos programas de rádio do Amapá, em especial os que preenchem a grade das emissoras AM, a observância de tal “fenômeno” é uma constante. A utilização de cartas, bilhetes, e recados telefônicos, refletem a realidade ribeirinha dos povos amazônicos do Amapá. O acesso à rede mundial de computadores ainda não faz parte de toda essa realidade. Sobra espaço e respeito a pessoalidade, intimidade e “coloquialidade” da carta.

Em seus conteúdos é possível se impressionar com muitos recados que de tão pessoal, acabam apresentando a realidade particular de muitos. Quando alguém está doente, ou

precisando de algo que naquele momento não pode vir até a cidade comprar, manda o recado para o conhecido na cidade e resolve parte de seus problemas. Avisos de visitas, informando a data, quantas pessoas vão, e outras particularidades são realidades corriqueiras nos espaços destinados a comunicação da caneta e papel no rádio. Ainda que novas maneiras de comunicar estejam se desenvolvendo, e em plena ebulição, os velhos métodos ainda encontram espaço garantido.

Outra característica dos programas AM diz respeito ao foco dado as realidades mais distantes do centro capital do Amapá. Em grande parte do Estado do Amapá o único sinal de comunicação que chega é o do rádio. Através dele a palavra entretenimento, que talvez nem seja conhecida profundamente, ganha corpo e auxilia como instrumento de informação e descontração para os habitantes destes longínquos locais. O rádio neste sentido democratiza o acesso a informação. Ainda que as produções sejam frutos do esforço de pessoas que moram na capital, o exemplo dos programas de rádio AM permite a ocorrência de um fenômeno que dá sentido a todo processo que envolve os meios de comunicação, a própria mensagem, que dá sentido a capacidade de informar.

Não se pode negar a influência das novas mídias nos processos comunicativos. Entretanto, quando se apresenta a realidade tecnológica do Estado do Amapá, se explora um caminho que ainda tem muita frente a ser desbravada. Mesmo na capital, o problema da qualidade da Internet limita as idéias de quem tenta inovar. Assim sendo, o recurso que aproxima ainda mais o rádio da atmosfera dos ouvintes é aquele que não está vinculado exclusivamente a realidade tecnológica. A criatividade dos radialistas é exercitada em cada novo programa. Geralmente outro instrumento que conquista um maior número de ouvintes são as promoções. Elas sustentam o trabalho financeiramente e permitem com que os programas tenham a “fidelidade” do público.

SOBRE A HISTÓRIA DE TEREZINHA FERNANDES

A figura que serviu de base para a realização desta pesquisa de ordem histórica da comunicação no Amapá foi Terezinha Lúcia Barros Fernandes. A mesma nasceu no Ceará e veio ainda criança ao Amapá. Iniciou uma trajetória que definiria toda a sua vida, envolvida com rádio desde suas primeiras apresentações quando ainda tinha aproximadamente nove anos de idade. Sua experiência já se iniciou na Rádio Difusora, quando participava do então Programa do Guri, no ano de 1957. Ela foi considerada a estrela mirim do rádio. Depois retornou a sua terra natal e voltaria ao Amapá somente depois que completasse seus quinze

anos. Quando chegou novamente ao Amapá, o diretor da rádio Difusora era Carlos Pontes, e ainda no Programa do Guri, ela continuou suas apresentações como cantora.

Foi no ano de 1968, durante a ditadura militar que Terezinha Fernandes iniciou oficialmente seu trabalho no rádio como locutora. Uma das grandes dificuldades, retratada por ela, diz respeito ao papel da mulher na sociedade amapaense daquele tempo. Sobre isso a radialista argumentou o seguinte, durante a entrevista concedida no dia 30 de Novembro de 2011:

“Então no período que a gente entrou, não foi um período muito fácil, porque naquela época... naquela época, o ser... a mulher ser radialista, atriz, aquela coisa não era bem vista, *né?* Eles achavam que a gente era desfrutável, *né?* Se entregava para qualquer um, e era bem difícil você manter o seu ponto de vista, *né?* A sua moral. A gente tinha muitos fãs e comigo, graças a Deus, nunca aconteceu nada que desabonasse. Os colegas me respeitavam, as pessoas me respeitavam, mas a gente via a coisa não era tão fácil, não era tão fácil”.

Unido ao ofício que começará a exercer Terezinha Fernandes, também vivenciou um momento muito interessante na história do rádio amapaense: a participação nas novelas que eram produzidas aqui. Segundo a comunicadora, as novelas eram colocadas ao ar três vezes ao dia: pela manhã, tarde e noite. Ao lado de Creuza Bordalo, que na época exercia o mesmo ofício, elas desempenharam papéis de protagonistas, inclusive em uma novela escrita pela conhecida autora Ivani Ribeiro. O nome da novela era: *Das Pedras nascem as flores*. Ela enfatiza a personificação de sua personagem afirmando que: “Fiz o papel de uma Duquesa má pra desgraça... (risos)...”.

A protagonista da temática deste artigo relatou ainda durante a entrevista que recebeu muitos troféus. Participou de festivais como: 1º Festival da Canção Amapaense, 1º (e único) Festival Carnavalesco, neste ficou na 1ª e 3ª colocação, entre os ganhadores. Seu protagonismo também refletiu-se em momentos memoráveis inclusive para a História do Amapá. Em 1992, o então prefeito da capital, João Alberto Rodrigues Capiberibe, instituiu os símbolos da prefeitura, tais como: bandeira, brasão e hino. A instituição desses elementos deu-se através de um concurso. Incentivada pelo amigo Leão Zagury, “Teca”, assim chamada por ele, mesmo já sendo compositora, mas até então, sem ter feitos músicas no “estilo de hino” fez a sua inscrição para participar do concurso.

Sobre a experiência de compor o hino, a radialista descreve o seguinte:

“Quando foi a noite, a noitinha que eu cheguei, eu disse: - Rapaz, deixa eu ver se eu sei fazer hino. Aí eu fiquei lá cama batucando, eu tocava violão, mas acidentei o dedo, e depois esse dedo aqui ficou sensível, *né?* E aí eu comecei a batucar... eu comecei a visualizar aquelas paradas do dia sete (7 de

setembro) *né?* Dan, Dan, Dan Dan... (confuso) e aí foi surgindo as palavras, quando eu componho, eu faço letra e música junto”.

Com a ajuda de outro amigo da guarda municipal (territorial), Guimarães, Terezinha Fernandes conseguiu cumprir uma das exigências para participar do concurso: elaborar a partitura do hino. Feito todos os trâmites, fez a sua inscrição e dias depois foi convidada à Prefeitura para receber as homenagens e premiações. Sobre o hino de Macapá, a Prefeitura Municipal da cidade destaca no sítio: <http://www.macapa.ap.gov.br/portal/simbolos.php>, que a composição de Terezinha de Jesus Bastos Fernandes exorta a população para valorizar a própria história da capital mais setentrional do Brasil, localizada na margem esquerda do Amazonas e cortada pela linha imaginária do Marco Zero do Equador. Ele é uma marcha animada e executada em compasso quaternário. Cabe apresentar a letra do hino de Macapá composta pela comunicadora:

Os raios fúlgidos do sol do equador
Fertilizaram esta terra promessa
Teve seu nome brotado da palmeira
Como uma rosa desabrocha do botão;
Nossa floresta amazônica gigante
De esperança e mil riquezas a acercou
Em sinfonia com os sons da natureza
Seu povo heróico de um novo brado ecoou;

Glorioso é teu passado
Teu presente é varonil
Teu futuro é majestoso
Macapá tu és Brasil

O teu destino é conquistar as gerações
Ó Macapá , a capital de intenso amor
Nas doces águas do teu rio Amazonas
Tu és banhada de energia e olor
Deus te salve ó sentinela altaneira
Rincão sagrado onde a vida fez morada
Nós, os teus filhos, orgulhoso te saudamos,
Terra querida pelos céus abençoada

Glorioso é teu passado
Teu presente é varonil
Teu futuro é majestoso
Macapá tu és Brasil!
Macapá ! Macapá !

A radialista disse que o hino está completando vinte anos e que pouca importância foi dada a ele neste período. Seu esforço em contribuir com os valores cívicos da cidade de Macapá lhe rendeu o título de cidadã macapaense concedido pela Câmara dos vereadores.

Sobre as dificuldades no ofício de radialista Terezinha Fernandes considerou as seguintes questões:

“Aí no rádio, no rádio a gente tem feito algumas coisas. Nesses quarenta e três anos que eu tenho de rádio, com o intervalo, nós temos um intervalo de dez, quase onze anos, porque entrou a radiobras. Então a radiobras entrou e acabou com a Difusora. Foi um período muito triste, acabaram... acabaram com tudo. A rádio nacional veio aqui arrebentou, tomou conta, destruiu discoteca, destruiu o nosso acervo, tocaram fogo no nosso acervo, foi um horror. Destruíram toda a nossa história de trinta e três anos que nós já tinha quando ela chegou. Então tanto a minha vida profissional com a da difusora, a gente conta esses dez anos de caos, medo, onze anos, porque foi o período que ela usou o que era nosso. O prédio era nosso, o material era nosso, o prestígio era nosso, a audiência era nossa, eles usaram e abusaram. Usaram poucas pessoas que *tavam* lá, a maior parte eles botaram na rua, era federal, *né?* E destruíram a vida de muita gente inclusive a minha”.

Neste espaço de tempo Terezinha continuou seu trabalho investindo em outras capacidades, mas não largou o rádio. Foi a Belém do Pará e trabalhou nas rádios: Marajoara, Liberal e também na rádio-Clube. No entanto foi no campo da música que obteve grande destaque. Em São Paulo participou dos programas de Silvio Santos, Bolinha, Clube do Chacrinha, além de chegar a quase oficializar um contrato com a gravadora Continental. Empolgadíssima ela relata a sua experiência:

“Quando eu ia cantar os meninos espalhavam cartazes, era... multinacional... eles faziam aqueles cartazes e colocavam nesses pilares. ‘Assistam a Terezinha Fernandes no Bolinha, no Chacrinha, no Silvio Santos’. Eu tive convite, nessa época, ainda era a época dos LP’s, os *bolachões, né?* E... eu estava no Raul Gil, cantando no programa do Raul Gil, quando eu tive nos ar... no ar... pra todo o Brasil, o contato com a Continental, a continental me convidando pra eu ir lá no escritório pra acertarmos algumas coisas, que ela queria me contratar como cantora. (confuso) foi muito legal, mas eu era funcionária daqui *né?* Não podia largar tudo. E eu fui lá, atendi o pedido, no dia seguinte eu fui lá, no escritório da Continental, eles disseram: “Olha”. Mostrei as músicas que eu tinha levado algumas. Naquele tempo tudo tinha que ser censurado. Tudo. As músicas que eu levei não estavam censuradas. E pra censurar em São Paulo é um horror... Tem milhões de exigências, mas milhões... Eu disse não, eu vou pra Macapá que é mais fácil. ‘Então você vá, censura as suas músicas, se você não puder vir, você me manda umas fitas...’. Que é o tempo da fita cassete... ‘Me mande uma fitinha, a letra da sua música, carimbe tudo bonitinho e mande pra mim. Mande pelo correio, por onde você quiser’. E eu me preparei pra isso *né?* Aí aconteceram tanta coisa, eu cheguei aqui tinha tanta coisa pra resolver. Tinha festa na rádio, é como sempre *né?* Produz num sei o quê. E aí eu me perdi em produção, e apresentação disso daquilo, e um belo dia, eu recebi um telegrama, a Continental dizendo assim: Continuamos aguardando o seu material (risos)... E eles continuam esperando até hoje, porque eu não pude mandar...”.

Em 1996 pôde voltar a sonhar com o saudoso trabalho na rádio Difusora de Macapá. Aparentemente emocionada relata o fim, e o começo de outra página da sua trajetória na radiodifusão amapaense.

“O período que eu voltei foi em 1996, porque acabou a Nacional, a Nacional terminou, e... aí gente... eu tava escrevendo, eu fazia coluna de jornal, muita saudade da minha emissora, porque eu sou fissurada, eu sou maluca por essa emissora. Pelo que eu faço, todo mundo sabe disso, eu nasci lá na difusora, *né?* Eu não vim de outra emissora, eu nasci, como profissional do rádio eu nasci na difusora. E o que acontece... um belo dia, eu estava em casa ouvindo o Pai velho, Pai d’égua, na Nacional *né?* Era o único programa que eu ouvia. Aí eu ouvi o saudoso Joaquim Rômulo, dizendo assim: ‘Meus ouvintes, nesse exato sai do ar, a rede não sei lá das quantas, que era a rádio Nacional *né?* Saiba que foi extinta a rede Nacional, entra no ar ZYH 630... é... Rádio Difusora de Macapá’. Tu já imaginou a emoção? Você amanhecer o dia, doida pra ouvir aquilo todo dia, eu abria o rádio, com essa intenção de ouvir que a Difusora tinha retornado”.

A radialista continua seu trabalho na rádio Difusora de Macapá hoje. Seu programa – Ponte Aérea - é apresentado em todas as noites de domingo. A idéia de contar a trajetória de Terezinha de Jesus Bastos Fernandes, não reflete em nenhum momento à acumulação de narração positivista acerca da vida de um personagem central. Atendendo a proposta de elaborar um conteúdo de cunho histórico sobre a comunicação no Amapá, estórias de vida como essas sugerem o zelo a qualquer pessoa que deseje adentrar por esses caminhos. Cabe destacar as palavras de alegria da radialista ao ver sua grande paixão – o rádio – próxima a sua vida novamente. O retorno da Rádio Difusora de Macapá foi assim relatado pela radialista:

“Rapaz, aí me deu uma emoção, aí eu chorei, aí eu pulei, sabe? Eu fiz a minha festa. Eu deixei passar uns dias, aí eu fui lá. Ainda tava aquele negócio, de tira, bota arruma... aí eu dei um tempo. E passou mais ou menos uns seis meses eu agüentando ali. Eu não queria ir lá, já tinha Estado *né?* Não era mais território. Então já tava naquela história de deputado, já tinha assembléia, as deputaria da época que já *tavam* querendo tomar conta...”.

É importante ressaltar um assunto que nasceu a partir das leituras que colaboraram na construção deste artigo, sobre o papel da mulher no rádio. A protagonista da temática deste trabalho alavancou sua carreira, num período de reinvenção de gênero, à medida que as mulheres assumiam novos espaços na sociedade. Ao fazer uma relação com outras figuras que iniciaram seu trabalho nas “áureas mídias”, tais como Dalva de Oliveira, Maysa, Elizeth Cardoso, dentre outras, se observa alguns contratempos que se correlacionam ao trabalho e vida de Terezinha Fernandes. A vida atribulada das mais conhecidas resultou da insistência de quererem alcançar seu lugar de destaque, fazendo o que gostavam, ainda que a sua reputação

fosse denegrida por alguns. No cenário ofuscado da história do rádio no Amapá há muito ainda a ser desbravado. Além de cronologias sobram somente a memória dos nomes “mais relevantes” em detrimento daqueles que mesmo nem tão conhecidos assinalaram seus anseios na identidade histórica do rádio amapaense.

SOBRE O PROGRAMA “PONTE AÉREA, VÔO 630”

A radialista Terezinha Fernandes apresenta o programa “Ponte aérea vôo 630”, na rádio Difusora aos Domingos, no horário de 21:00 às 00:00 horas., durante a entrevista a mesma disse que considera o programa “um sucesso”, visto que, o mesmo completou 15 anos recentemente. Destaca-se o fato de se tratar de uma profissional com 43 anos de carreira e já ter apresentado outros programas, mas somente este permanece por tantos anos no ar na mesma emissora.

O programa é voltado para o entretenimento, pois ao longo de sua apresentação, Terezinha Fernandes toca músicas, que são pedidas pelos ouvintes; conta, ainda com esta participação de ouvintes, que além de pedir músicas, também usam o espaço do programa para “passar recados” para familiares que moram em outro Estado ou município (onde o sinal da emissora chega). Neste sentido, a produção do programa criou uma forma de demonstrar aos ouvintes que são fiéis na escuta do mesmo. Trata-se do “ouvinte carteirinha”, que significa, o ouvinte que mais escuta o programa ganha uma carteirinha para consagrar esta fidelidade.

Durante a entrevista, a radialista falou também sobre a constituição do programa. Por se tratar de algo que está há muitos anos no ar, a produção procura inovar todos os anos na forma de fazê-lo. Ou seja, as atrações mudam com o passar dos anos, criam-se novos quadros e mantêm-se aqueles que fazem mais sucesso e têm maior receptividade por parte de quem ouve o programa. Segundo a radialista, a cada ano ela coloca “seqüências diferentes, quadros novos”, como exemplo, o quadro Coisas que o tempo não levou, em que a mesma conta história de músicas do passado. Terezinha Fernandes disse que não toca muita música do passado porque o público do programa é jovem, ainda que seus ouvintes sejam de diferentes faixas etárias.

HISTÓRIA DO NOME DO PROGRAMA

Terezinha Fernandes falou sobre o porquê do programa se chamar “Ponte aérea, vôo 630”. Segundo a mesma, isto se deve a uma analogia que ela quis fazer em relação a antena de rádio e seus receptores. Para Terezinha Fernandes a explicação é a seguinte:

“a emissora de rádio tem uma antena. Essa antena capta as ondas eletromagnéticas. Quando, em qualquer parte do mundo, você liga o seu receptor, e você entra em conexão com a minha antena, da minha emissora [...] Uma ponte aérea de ondas eletromagnéticas de ida e volta [...] Eu captei a onda que está no ar. Eu liguei o meu radinho aqui, eu liguei o meu celular, eu entrei em contato com a antena [...]. Então da ponta da antena da emissora ao seu receptor, eu faço uma ponte aérea”.

A apresentadora contou que, como o programa tem este nome, e tem esta conotação relacionada a um vôo de aeronave, ela costuma tratar sua equipe como se realmente estivesse pilotando um avião. Então ela costuma chamar o seu operador de áudio de co-piloto, comissário de bordo, as pessoas que estão com ela, passageiros são os seus ouvintes, e inclusive, existe um quadro no programa chamado de “diário de bordo”.

A história da carreira da radialista e do programa é extensa. Um fato interessante que está ligado a esta história são as cartas que Terezinha Fernandes costuma receber dos ouvintes. Apesar, de atualmente constatar que o número de cartas diminuiu por conta das novas formas de interação, promovidas pela tecnologia, como os “torpedos” enviados por celular e os emails (internet). Ela conta que tem “um arquivo com mais de 100.000 cartas, 30.000 nomes no computador e muitas fotos”, além de já ter realizado várias festas para comemorar os aniversários do programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar o rádio hoje é vê-lo envolvido no universo cibernético ao qual a sociedade está se inserindo. Fazer rádio exige aos seus executores, tornar-se dependente das novas mídias sociais. O ser humano, na atualidade, muito rapidamente está consumindo informação de todos os níveis. Ao mesmo tempo, muitos recursos são usados no intuito de se obter uma notícia. Não satisfeito com o noticiado na televisão, nas revistas, ou mesmo no rádio, a busca pela internet tem aumentado e contribuído em demasia para a mudança social no campo da comunicação.

As fases de evolução, depois da internet, têm mudado freneticamente. O envio de cartas ao radialista, o telefonema, ou mesmo o SMS, foi substituído pelas redes sociais que imperam na nova fase da comunicação no mundo. A proximidade com o veículo de

comunicação, fez com que muitos anônimos assumissem um papel que era exclusivo da voz que se ouvia no rádio. O trabalho daqueles que se dedicam com a informação no rádio ficou ainda mais criterioso. A construção da notícia e a sua repercussão agora estão ainda mais atreladas aos ouvintes.

O rádio, como meio para entreter as pessoas, é um meio de comunicação muito empregado. São muitas as vertentes no rádio que trabalham com a modalidade “entretenimento”. Programas musicais, de humor, de ajuda sentimental, entrevistas; enfim, todos eles preocupados em colaborar como passatempo na vida daqueles que o acompanham. Na atualidade, com o desenvolvimento das mídias sociais, através da internet, a proximidade com o público ampliou-se. A utilização do aparelho que recebe o sinal radiofônico, o famoso “radinho”, está hoje lado a lado com os sinais de rádio da web. No Amapá esse campo ainda tem muito a crescer, porém, novas propostas de fazer rádio aqui já são possíveis graças a realidade digital à qual o rádio está também inserido.

Há um tempo, os que acompanhavam as programações radiofônicas participavam diretamente, quando os estúdios de rádio mais pareciam teatros com espetáculos ao vivo e plateia. No entanto, os estúdios foram diminuindo e a tecnologia que envolve os atores do rádio foi se desenvolvendo. O mecanismo de interação com o público se aperfeiçoou, e deu uma nova dinâmica para o rádio.

Assim, ao fazer uma abordagem de cunho histórico, de uma apresentadora de programa de rádio em uma emissora AM, pretendeu-se mostrar como o crescimento de alguns meios de fazer comunicação, ou ainda, de proporcionar a comunicação entre as pessoas, ainda não é capaz de atender às diversas exigências dos diversos públicos. Mas que ainda assim, Terezinha Fernandes pode ser usada como exemplo de como um profissional pode trabalhar por tantos anos, fazendo um trabalho que segue uma linha pré-definida, mas que conquista público e consegue construir história dentro de uma emissora, como também, entre um público que passa a ser fiel àquele profissional.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Kátia Soares. **Radiojornalismo:** Uma análise comparativa da produção jornalística das rádios Favela FM e CBN Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.convergencia.jor.br/bancomonos/2005/katia.pdf>. Acesso em: 13 de Novembro de 2011.

FERNANDES, Terezinha. Entrevista concedida à acadêmica Érica Favacho, no dia 30 de Novembro de 2011.

MENEGUEL, Yvonete Pedra. **O rádio no Brasil:** do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf. Acesso em: 20 de Novembro de 2011.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil:** fragmentos de história. Disponível em [http:// www.usp.br/revistausp/56/10-gisela.pdf](http://www.usp.br/revistausp/56/10-gisela.pdf). Acesso em: 13 de Novembro de 2011.

SEPAC- Serviço à Pastoral da Comunicação, na obra Rádio - a arte de falar e ouvir – laboratório, 2005.